

Melhora a economia do ano eleitoral

CONTAS EXTERNAS MAIS SÓLIDAS ENSEJAM DEBATE ECONÔMICO MAIS LÚCIDO EM 2002

*Rogério L. Furquim Werneck**
19 dezembro 2001

Já quase ao final de um ano bastante tumultuado, o País vem desfrutando clima de inegável distensão no quadro econômico. É difícil identificar com precisão o que exatamente deflagrou o círculo virtuoso que vem tendo lugar desde outubro. Mas, entre os fatores que tiveram importância inequívoca nesta virada, há pelo menos dois a se destacar. De um lado, disseminou-se a percepção de que o desempenho da balança comercial afinal passou a prenunciar sensível melhora nas contas externas em 2002. De outro, resultados de pesquisas sobre intenção de voto, na eleição presidencial do ano que vem, passaram a sugerir que um cenário de brusca descontinuidade da política econômica em 2003 se tornou bem menos provável do que se imaginava em meados do ano. Na esteira dessas mudanças, o círculo virtuoso vem sendo reforçado. Os mercados financeiros vem dando mostras de que afinal conseguem discriminar o Brasil da Argentina. O influxo de capital externo vem mostrando vigor surpreendente e ajudando a reverter o longo movimento de depreciação cambial que teve início em fevereiro. O risco Brasil despencou e os juros futuros vem caindo. Há menos razões para preocupação com a evolução da dívida do setor público como proporção do PIB. E o câmbio passou a ser fator de alívio na condução da política de metas para inflação.

Isto não significa que não haja dificuldades à frente. Muito pelo contrário. De certa forma, o ambiente externo continua inóspito. É bem verdade que a incerteza sobre o formato e os desdobramentos da resposta militar aos atentados de 11 de setembro diminuiu. E que a liquidez da economia mundial vem sendo fartamente irrigada pela política monetária expansionista nos países industrializados. Contudo, a recuperação da economia norte-americana promete ser lenta e pouco vigorosa. E as trágicas notícias de Buenos Aires nesta semana mostram que o desfecho da longa agonia argentina ainda pode provocar solavancos na economia brasileira. No *front* interno, o ano eleitoral poderá trazer muita volatilidade ao mercado financeiro e tornar bem difícil a condução da política econômica. E não se pode esquecer que a superação da crise energética, a curto prazo, ainda depende de alguma sorte com as chuvas do verão. Mas, mesmo levando-se tudo isto em conta, não resta a menor dúvida de que a situação melhorou muito desde o final de setembro.

O que parece não ter sido ainda devidamente percebido é que essa melhora está fadada a ter efeitos da maior importância no debate sobre política econômica ensejado pelas eleições do ano que vem. Já há algum tempo vinha ganhando força no País uma visão extremamente pessimista sobre o desequilíbrio das contas externas. A decepção com os efeitos iniciais da desvalorização de 1999, sobre a balança comercial, vinha alimentando a conclusão de que o País padecia de um sério problema de desequilíbrio

estrutural nas contas de comércio exterior. Não obstante a escala, a complexidade e o elevado grau de diversificação da economia brasileira, a combinação de insuperáveis entraves à expansão de exportações com uma insanável rigidez da pauta de importações condenava a economia brasileira a taxas medíocres de expansão. A menos que, mais uma vez, se usasse a mão pesada do Estado para induzir a substituição de importações. A política industrial passava a ser vista como a chave para a superação do desequilíbrio externo e a retomada de um processo de crescimento econômico rápido.

Foi reconfortante ver nas últimas semanas formadores de opinião, que há anos vem dando grande alento a este tipo de diagnóstico, constatarem maravilhados quão vigorosos podem ser os efeitos de uma taxa de câmbio depreciada sobre a balança comercial. E perceberem também o potencial das exportações de empresas multinacionais instaladas no País, se a taxa de câmbio for suficientemente atraente. Não importa como tais analistas passaram a ter esta percepção. Se analisaram cuidadosamente os dados disponíveis, se apelaram ao que sugere a boa teoria econômica, se lançaram mão de tudo que se sabe sobre a economia brasileira, se fizeram contas simples no verso de um envelope ou se recorreram a técnicas elaboradas de auscultação. O que importa é que a percepção, em si, é um grande avanço. Antes tarde do que nunca. E, à medida que tal percepção se dissemine, poderá haver um salto qualitativo fundamental no debate econômico que deverá anteceder as eleições do ano que vem.

Seria lamentável se o programa do governo que deverá tomar posse em janeiro de 2003 fosse formulado com base no que seria necessário para retirar a economia brasileira do singular pantanal em que se meteu em 2001. Sem crise energética, com a Argentina soerguendo-se, com a economia mundial novamente em crescimento e com os efeitos da depreciação cambial iniciada em 1999 afinal se fazendo sentir com toda intensidade, sobre importações e exportações, a agenda relevante de 2003 é outra. É o momento de se deixar de lado falsas questões e, principalmente, falsas soluções.

* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.